

COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA VIVÊNCIA TRAVESTI

Phenomenological and Existential understanding of the transvestite experience

Comprensión existencial-fenomenológica de la experiencia travesti

Edmar Henrique Dairell Davi

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/Brasil

Maria Alves de Toledo Bruns

Universidade de São Paulo/Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender os significados e os sentidos que uma travesti profissional do sexo atribui à transformação de sua corporeidade ao longo de sua trajetória de vida e à construção de sua travestilidade. Em busca do corpo perfeito, as travestis cruzam as fronteiras dos gêneros e subvertem os sentidos do autocuidado para atender à lógica do mercado sexual. A fim de investigar este fenômeno, buscamos nas ideias do filósofo Maurice Merleau-Ponty e no método fenomenológico o suporte para analisarmos e compreendermos a vivência de uma travesti de 25 anos de idade. A análise desta história de vida apontou as seguintes unidades de sentido: vivências de gênero na infância; descoberta da sexualidade; construção da corporeidade; e vivências do mundo *trans*. Concluiu-se que a vivência travesti rompe com as determinações binárias de gênero e que sua corporeidade resultante é um nó de significações aberto a novas compreensões.

Palavras-chave: Travestis; Corpo; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

Abstract

This text aims at understanding the meanings and senses that a sex worker transvestite attributes to the transformation of her corporeity through her life's journey and to the construction of her travesty. Seeking the perfect body, transvestites cross gender boundaries and subvert the senses of self-care to cater the sex market's logic. Aiming at investigating this phenomenon, we explored the ideas of philosopher Maurice Merleau-Ponty, and exploring the phenomenological method, we found the support to analyze and understand the experience of a 25 year old transvestite. This life story analysis indicated the following units of senses: gender experience in childhood; discovery of sexuality; corporeity construction; and *trans* world experiences. The conclusion is that the transvestite experience ruptures binary gender boundaries and that the resulting corporeity is an open meaning knot to new understandings.

Keywords: Transvestites; Body, Phenomenology; Merleau-Ponty.

Resumen

El objetivo de este artículo es comprender los significados y sentidos que una travesti profesional del sexo asigna a la transformación de su corporeidad a lo largo de su trayectoria de vida y la construcción de su travestilidad. En busca del cuerpo perfecto, travestis cruzan las fronteras de los géneros y subvierten los significados de autocuidado para dar cabida a la lógica de la industria del sexo. Con el fin de investigar este fenómeno, buscamos las ideas del filósofo Maurice Merleau-Ponty y apoyo método fenomenológico para el análisis y la comprensión de la experiencia de una travesti de 25 años de edad. El análisis de esta historia de vida señalar las siguientes unidades de sentido: experiencias de género en la infancia; descubrimiento de la sexualidad; modo de realización de la construcción; y experiencias del mundo trans. Se concluyó que la experiencia travesti rompe las determinaciones de género binarios y su encarnación resultante es un nudo de significados abiertos a nuevos entendimientos.

Palabras clave: travestis; cuerpo; la fenomenología; Merleau-Ponty.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir o fenômeno travesti a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Presente na mídia, no cotidiano e nas discussões acadêmicas, as experiências e vivências das pessoas que transformam seus corpos e gêneros e ainda transitam pelas sexualidades se tornaram tema de grande visibilidade nas últimas décadas (Bento, 2014; Andrade, 2015; Peres, 2015). No entanto, observa-se dentro da psicologia certa dificuldade em dialogar com estas questões, uma vez que a formação *psi* tem sido atravessada por crenças em verdades imutáveis e universais (Azeredo, 2010; Uziel, 2011; Ribeiro, 2015).

Bruns (2011) também acentua as dificuldades que a questão da diversidade sexual e as queixas sexuais colocadas por clientes acerca de conflitos de identidade de gênero e de orientação do desejo trazem para a prática de psicoterapeutas que muitas vezes não tiveram durante sua graduação e/ou pós-graduação a oportunidade de refletir e abordar estes temas.

A psicologia, de modo geral, parte da referência a um “eu” que se constitui como substância racional ou emocional, localizável no tempo e no espaço e, portanto, dotado de determinações e sentidos dados, prescindindo a princípio do mundo. A Fenomenologia enquanto movimento filosófico questiona esta perspectiva objetivista pelo fato de abordar o homem, seu comportamento, seus vínculos sociais, intersubjetivos, a partir de uma visão de “sobrevoo”, em prol de um mundo totalmente determinável (Capalbo, 2011).

A Fenomenologia foi um dos movimentos filosóficos que, desde sua constituição, guardou relações de proximidade e interesse pela psicologia (Forghieri, 1993; Holanda, 2007). Ela também possibilitou à Psicologia uma nova postura para inquirir os fenômenos

psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e os significados que o sujeito lhes atribui (Bruns, 2007).

Giorgi (2014) considera que a fenomenologia consiste em um rigoroso olhar metodológico sobre o real, é uma opção radical de percepção a fim de desvelar significados, criar valores e assumir responsabilidades. Tudo que se oferece ao conhecimento humano pode ser chamado de realidade fenomênica. Dessa forma, o fazer fenomenológico propõe o retorno a um ponto de partida que seja, verdadeiramente, o primeiro, isto é, uma retomada das origens, da coisa mesma, tendo como dado a própria realidade. A máxima da fenomenologia de ir às coisas mesmas provoca uma nova experiência e um novo conhecimento. Para Moreira (2004) esta perspectiva oferece uma verdade, em partes e em momentos, e nunca na sua transparência total, pois “é a dúvida, e não a certeza, que nos motiva à busca incessante da verdade. Faz-se necessário lembrar que a verdade é um movimento em constituição, não um estado” (p. 143).

Com base nesses pressupostos, Merleau-Ponty (2006) define a fenomenologia como o estudo das essências e acrescenta que ela é uma filosofia que recoloca as essências na existência, reconstituindo a relação entre homem e mundo. Admitindo a relação entre consciência e mundo como intencional, havendo entre ambos uma correlação essencial, a descrição fenomenológica das vivências possibilitaria que o mundo apareça como fenômeno, como significação, evidenciando a saída de si para um mundo que tem uma significação.

O método fenomenológico é a descrição das experiências vividas pelos sujeitos pesquisados sobre um determinado fenômeno com o objetivo de buscar sua estrutura essencial (Giorgi, 2014). E todo o universo da ciência está construído sobre o mundo-da-vida – o *Lebenswelt*, na denominação husseriana -, sendo a ciência uma expressão segunda, ao passo que a experiência do mundo é a sua expressão primeira. A experiência do vivido somente pode ser alcançada pelo próprio sujeito de forma imediata, pois o sentido é particular para quem o vive e está ligado à forma da pessoa existir no mundo (Holanda, 2007; Giorgi, 2014). Esse é o motivo pelo qual o mundo-da-vida precisa ser percebido e descrito em vez de ser interpretado ou julgado. A descrição possibilita resgatar o vivido com base no retorno da sua percepção ao momento imediato.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty (2006), coloca a existência como engajamento no mundo a partir da corporeidade. Nesta perspectiva, estamos engajados no mundo de um modo concreto. Isto nos revela que nossa experiência desta unidade viva de nós mesmos e do mundo se concentra, como em sua origem e sua manifestação, na experiência do corpo próprio.

A permanência do corpo próprio, se a psicologia clássica a tivesse analisado, poderia a conduzir ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante (Merleau-Ponty, 2006, p. 109).

O corpo aqui aparece não como objeto a ser possuído, “eu tenho um corpo”, mas como meio de estar no mundo: “eu sou meu corpo”. E ele não é uma coisa entre as coisas, é uma experiência que dialoga interiormente com o mundo, outros corpos, é com eles, no lugar de ser ao lado deles. O sujeito merleau-pontyano é um sujeito aberto ao mundo, numa relação anterior a qualquer determinação que poderíamos fazer dele: “o corpo é o veículo do ser no mundo; ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, se confundir com certos projetos e se engajar neles continuamente” (Merleau-Ponty, 2006, p. 97).

A partir dessas questões como podemos pensar o fenômeno travesti e a vivência dessas pessoas que são muitas vezes marginalizadas na sociedade? Como se caracteriza o mundo-vida destas pessoas e quais os significados atribuem às suas trajetórias, suas relações afetivo-sexuais e as transformações corporais? A perspectiva fenomenológica-existencial nos possibilita a aproximação com o fenômeno na tentativa de desvela-lo, não para encontrar causas ou explicações, mas para compreender como ele se dá na trajetória daquelas pessoas que transitam pelo universo das sexualidades dissidentes. Nesta pesquisa, buscando as ideias de Merleau-Ponty, acreditamos que o homem é um ser com infinitas possibilidades e dimensões de compreensão. Um ser/sujeito incorporado que não é um objeto passivo, influenciado pela atuação de forças externas, mas como algo que tem certos “projetos”, certas maneiras ativas de lidar com o mundo ao redor. É nessa perspectiva que nos propomos a compreender o fenômeno travesti. Nosso caminhar se inicia elucidando algumas noções como travesidade, transexualidade e outras performances que se apresentam dentro do universo *trans*. Mais adiante, apresentamos a história de vida de uma travesti profissional do sexo com o intuito de melhor compreender suas vivências e os sentidos atribuídos às suas experiências.

O FENÔMENO TRAVESTI

No debate emergente sobre as sexualidades, é importante compreendermos algumas nuances e diferenças entre as categorias travesti, transexual e transgênero. Essas classificações emergem de diferentes contextos; por exemplo, os discursos médico e psiquiátrico têm articulado a transexualidade mais ao transtorno de identidade a partir das

normas de gênero (Bento, 2014), enquanto as travestis aparecem mais ligadas à prostituição e à violência (Silva, 2007). Todavia, travestis e transexuais permanecem em grande parte consideradas pelo senso comum como homens que se vestem de mulher. No horizonte deste artigo, utilizaremos o termo transgênero para indicar alguém que se sente pertencente ao “gênero oposto, ou pertence a ambos ou nenhum dos dois sexos tradicionais, incluindo travestis, transexuais, intersexuais, *drag queens* e *drag kings*” (Jayme, 2010, p. 175).

O interessante é observar o descompasso entre as rígidas classificações oficiais e a fluidez das identificações cotidianas que estão constantemente se interpenetrandos. Dentro do universo *trans* podem ser considerados transgêneros: travestis, transexuais, *drag-queens*, que mesmo dentro desta classificação, fazem questão de se diferenciar uma em relação à outra. O termo universo *trans* possibilita englobar as diferentes autoclassificações dessas pessoas sem “achatá-las” em uma única identidade. Para Jayme (2010), além das transexuais, transformistas e travestis, há uma verdadeira miríade de sujeitos que poderiam ser enumerados na categoria universo *trans*. O que há de comum entre esses sujeitos é o processo que denominam de montagem, a partir do qual reconstruem gêneros, demonstrando que esta categoria não possui uma estrutura binária, antes, refere-se a multiplicidades. Também via montagem modificam o corpo e nome, demonstrando a transitoriedade da pessoa e indicando que sua ação é incorporada, visto que mimetizada e aprendida por meio do corpo e nele observada.

Essa ação reconstrutora da masculinidade e da feminilidade enfatiza uma interpretação do gênero como cultural e processual. As marcas, os gestos, a fala, os acessórios, dentre outros elementos no corpo das *drag-queens*, travestis, transformistas e transexuais podem ser vistos como um código que tanto as une, como as separa.

Para os sujeitos que atuam como transformistas o tempo define o masculino e o feminino. Muitos dizem: “eu sou homem de dia e mulher à noite”. A corporeidade é modificada com maquiagem, roupa, espuma para marcar os seios e os quadris. Diante de uma transformista montada não é possível saber se se trata de homem, mulher, travesti ou transexual. A transformação pretende ocultar inteiramente o masculino e se constrói outra identidade com traços de personalidade diferentes e peculiares. Entre transformistas e *drag queens* há a diferença de que essas últimas não têm a preocupação em “parecer mulher”. A maquiagem é carregada, a roupa exagerada, com altas plataformas, cabelos coloridos, etc. As *drags* atuam mais no universo dos *shows* e procuram com sua extravagância questionar os limites e modelos impostos à feminilidade (Duque, 2011).

Já o termo travesti, se refere a sujeitos que entram em conflito com a designação de homens atribuída no nascimento. É uma categoria identitária específica, uma vez que as travestis dizem que “são mulheres 24 por dia” e interferem no corpo por meio de

roupas, maquiagem, cabelo e trejeitos femininos e por meio de medicamentos (hormônios femininos) e silicone em partes do corpo (Benedetti, 2005). Em sua maioria, afirmam que não desejam fazer cirurgia de transgenitalização, querem manter o órgão sexual masculino que possui um atrativo peculiar no mundo da prostituição e na construção do ser travesti.

Dentre as pessoas transexuais podemos com frequência encontrar a afirmação de que “nasceram com o corpo errado”. Seriam “mulheres presas em um corpo de homem” ou vice-versa. A partir de determinados autores (Bento, 2006; Teixeira, 2013; Longaray & Ribeiro, 2016), consideramos transexuais femininas aqueles sujeitos designados como masculinos no nascimento e que ao longo da vida entraram em conflito com essa designação; também são denominados como mulheres transexuais, mulheres *trans*, entre outros termos similares. Termos como transexual masculino, ou homem *trans*, são autodefinições e formas de reconhecimento de sujeitos designados como femininos no nascimento e que se constituem como masculinos durante a vida. De maneira geral, o órgão sexual é visto como um apêndice, portanto, algo que deve ser retirado. No caso das transexuais femininas, os seios se tornam objeto de recusa. Assim, a transexual é aquela que fez (ou deseja fazer) a cirurgia de transgenitalização, ou retirada dos seios e passar por processo de hormonização de acordo com o gênero pretendido. Importante destacar a existência de pessoas transexuais que não apresentam em suas trajetórias o desejo de fazerem cirurgias de reparação (Teixeira, 2013).

Apesar desta tentativa de separação e delimitação de fronteiras, muitas vezes alguém que se considere e se auto-classifique como transgênero pode, em algum outro momento da vida se identificar como travesti e, ao mesmo tempo, dependendo da situação, se apresentar como transexual. Isto é possível não apenas como manifestação da complexificação e ressignificação de categorias na experiência vivida, mas como estratégia distintiva. Observamos assim que a ideia de uma identidade única e permanente vem se perdendo.

Kulick (2008), ao analisar a complexidade dos significados das categorias travesti e transexual, demonstrou que elas são apreendidas e elaboradas “além das convenções médicas. Conceitos criados no meio acadêmico neste campo de estudos são logo absorvidos pelos sujeitos e pelos movimentos sociais” (Kulick, 2008, p. 117). Assim, a identificação do sujeito acerca de si, ainda que cambiante, transitória, fora dos padrões de inteligibilidade para muitos, simulada, entre tantas outras, é legítima. Ela revela a trajetória de identificações e reconstruções do sujeito e das negociações com identidades coletivas e políticas, sejam elas ligadas a uma identidade política LGBTT e/ou transexual, travesti ou transgênero. Assim, compreendemos a importância de uma análise não essencialista desses sujeitos. Contudo, consideramos que as identidades coletivas e políticas de travestis

e transexuais podem ser compreendidas numa relação processual e dinâmica, em figurações de vários níveis (Andrade, 2015).

Através de várias estratégias têm se promovido a emancipação psicossocial de uma comunidade sistematicamente tão discriminada e excluída de quase todos os espaços sociais. Desde 2004, instituiu-se o dia 29 de janeiro como dia Nacional da Visibilidade Travesti. Essa data é uma referência ao lançamento da primeira campanha de cidadania desenvolvida especificamente para a comunidade. A campanha “Travesti e Respeito” foi lançada pelo então Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde (Albuquerque & Garcia, 2013). No ano seguinte, a articulação política das travestis possibilitou que fosse criada a Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRAS), para, entre outras questões, segundo a sua presidente Keila Simpson, “mostrar a sociedade que travestis e transexuais não vivem somente das noites, se prostituindo” (sic) (citado por Santos, 2008, p. 67).

“Ser travesti” é um processo, nunca se encerra (Pelúcio, 2009). Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”. Não qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável. Conforme Benedetti (2005), se o hormônio é a feminilidade e a beleza, que confirma os resultados da feminilização, o silicone é “a dor da beleza”. O corpo feito, todo “quebrado na plástica” é o sonho da maioria. Mas nem sempre as intervenções podem ser conseguidas em clínicas de cirurgia plástica filiadas ao sistema da medicina oficial. Então, procura-se o caminho tradicional, aquele que vem sendo usado há pelo menos 30 anos pelas travestis: a “bombadeira”. Desde então, são as “bombadeiras” que injetam silicone líquido no corpo das travestis. Elas são na sua maioria travestis também e lhes cabe “fazer o corpo” através da inoculação desse líquido denso e viscoso, no corpo de suas clientes. O processo é doloroso, demorado e arriscado.

Segundo as próprias travestis, a aplicação do silicone, feita sem anestesia, é uma dor lancinante. Mas a questão que fica é o preço que elas decidem e aceitam pagar para que possam recriar a si mesmas. Será que a satisfação de ter um corpo “feminino” se sobrepõe aos riscos inerentes a esse processo? E mais: a partir de quais critérios e influências se resolve fazer as intervenções? A quem recorrer quando acontecem os problemas? Que implicações sociais as mudanças no corpo trazem para as travestis? Como a escola, a família e outras instituições lidam a feminilização do corpo?

Essas e outras questões perpassam esse trabalho e nosso intuito é compreender os sentidos atribuídos à vivência das travestis durante sua história de vida. Fenômeno antigo e multifacetado, o processo de transformação corporal ganha visibilidade nos dias de hoje e, na perspectiva de compreendê-lo em sua complexidade, nos apoiamos

no método fenomenológico e na perspectiva merleau-pontiana que nos auxiliarão a pensar sobre a vivência travesti à luz da história de vida de nossa colaboradora.

MÉTODO

Na perspectiva de compreender os sentidos e significados que uma travesti profissional do sexo atribui às suas vivências, recorremos à modalidade de pesquisa qualitativa fenomenológica, que nos norteará, de forma criteriosa e pertinente (Bruns, 2007), para chegarmos ao objetivo proposto nesta pesquisa.

Por ser a fenomenologia um discurso esclarecedor, optamos pela técnica da história de vida focal, guiada por uma questão única e direta, numa linguagem comum à compreensão do fenômeno, como estratégia de pesquisa para desvelarmos a vivência de nossa colaboradora e o processo de construção do ser-travesti. É importante ressaltar que a história de vida focal é uma modalidade da história oral; nela, a colaboradora tem maior liberdade para discorrer livremente sobre as suas experiências vividas, o que vai ao encontro do objetivo da pesquisa. Para Moreira (2004), o método da história de vida focal investiga a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações, inseridas em algum período de tempo de interesse, ou se refere a algum evento ou série de eventos que possa ter tido algum significado para a respondente. Esta faz uma descrição de sua vida ou de alguma parte dela.

PROCEDIMENTOS

O projeto do qual faz parte esta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP e aprovado conforme o parecer nº 502/2010. Depois da aprovação pelo CEP/ FFCLRP/USP, entramos em contato com a colaboradora e foi-lhe entregue uma carta apresentando o objetivo da pesquisa e solicitando o agendamento da entrevista. Esta foi precedida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que consta a autorização para que a entrevista fosse gravada. Também se aplicou um questionário socioeconômico para traçar um perfil da participante. A entrevista foi realizada em duas seções com duração média de 50 minutos. Para um maior aprofundamento da experiência pessoal da entrevistada em relação ao fenômeno estudado, abordou-se a colaboradora com a questão norteadora: “Fale das suas vivências em relação ao processo de construção da sua travestilidade ao longo de sua vida”. O encontro foi realizado na sede de uma ONG de apoio à população LGBTT de uma cidade do interior de Minas Gerais.

MOMENTOS DA ANÁLISE

Ao se ter nas mãos as descrições da colaboradora, passamos à análise da entrevista. Bruns (2007) aponta quatro passos reflexivos para a realização da análise fenomenológica. O primeiro passo caracteriza-se pela transcrição dos depoimentos das entrevistadas, pela leitura ampla de todas as entrevistas do início ao fim, com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno estudado. O segundo momento é marcado pela intenção de caminhar para a elaboração da discriminação das unidades de significado, as quais são extraídas após a releitura de cada depoimento, tendo em vista que não existem por si mesmas, mas somente em relação à interrogação que o pesquisador dirige ao fenômeno. O terceiro passo diferencia-se pelo seguinte: após a obtenção das unidades de significado, o pesquisador busca agrupá-las em temas ou categorias que expressam o *insight* psicológico nelas contido, ou seja, é a transformação da linguagem coloquial da entrevistada no discurso psicológico. Neste momento, cabe ao pesquisador escolher a abordagem teórica que utilizará para analisar o fenômeno. O último passo baseia-se na integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significado, as quais podem ser agrupadas em temas ou categorias em função das convergências dos significados atribuídos pelas colaboradoras e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva geral do fenômeno.

PARTICIPANTE

A participante que faz parte desta pesquisa é uma travesti que frequenta as reuniões de uma ONG de apoio à população LGBTT. Foram critérios fundamentais para a inclusão da participante i) aceitar participar da pesquisa; ii) ser travesti e iii) ter passado pelo processo de transformação corporal, seja pela administração de hormônios e/ou pela aplicação de silicone. A seguir, apresentamos o perfil socioeconômico da colaboradora; antes, no entanto, é preciso esclarecer que a fim de preservar sua identidade, optamos pelo uso do pseudônimo Sabrina. Esclarecemos, ainda, que o motivo pelo qual nos dirigimos a ela no feminino se deve ao fato de ela se sentir e se definir a partir deste gênero.

Sabrina é uma travesti alta, loira e se autodeclara como branca. Tem 25 anos, frequenta a religião espírita, possui ensino médio completo e pertence à classe D. Ela atuou como *drag-queen* em casas de show e atualmente trabalha como profissional do sexo. É solteira e vive com suas irmãs e com o padrasto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a apresentação dos resultados e discussão da pesquisa, ancorados no entendimento de que a vivência travesti se constrói na relação com os outros e com o mundo. Assim, ao falar de sua trajetória aqui descrita, Sabrina nos apresentará elementos que constituem para ela de fundamental importância para entender as vivências que caracterizariam o ser-travesti. Os trechos discutidos a seguir foram organizados de acordo com as unidades de significado que emergiram da narrativa de nossa colaboradora.

Ao recuperar sua história de vida, Sabrina inicia sua descrição trazendo elementos de sua infância e de sua perspectiva sobre as questões de gênero. Também pode ser observada a presença da afetividade e da sexualidade. Como na narrativa a seguir:

(...) Com oito anos de idade pra cá eu comecei a achar os rapazes bonitos. Eu olhava na televisão e achava os moços tudo bonitinho. (...) Na escola/ na escola os meninos todos mexiam comigo falando do jeito de eu andar, rebolar, essas coisas. Eu gostava de cabelo grande, de usar camiseta grande como se fosse vestido, sabe?

Sabrina nos relata o desejo que se manifestou desde quando era pequena e que para ela era natural. Não havia as sanções entre sexo e gênero. Muitas vezes se acredita que há uma ligação estrita e inata entre o sexo anatômico e o desejo erótico de uma pessoa. No entanto, a partir de Heidegger (2013) podemos questionar estas ideias que colocam como inatas estas relações entre anatomia, práticas e identidades sexuais. Na sua analítica existencial, Heidegger (2013) acentua o caráter de indeterminação da existência e aponta para o fato de não haver nenhuma estrutura apriorística, seja ela orgânica, psíquica ou social, capaz de dar sentidos e determinações ao existir.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006) ressalta que a criança interage com o mundo de forma livre, colocando nas situações seu próprio corpo sem pressupostos, permitindo-se a interação e a experiência, buscando as sensações que estas lhe causam. A criança experimenta a lógica da percepção sensível, do sentido a partir da experiência, fato que dificulta sua capacidade de perceber os objetos como tendo um valor determinado pelo mundo adulto. Somente quando mais velha, é que Sabrina poderá avaliar suas primeiras experiências tendo como parâmetros as questões afetivas e de gênero.

Ao entrar em contato com o mundo e ir apreendendo as significações que os objetos assumem em um universo generificado e dividido entre masculino e feminino,

Sabrina em sua intencionalidade passa a construir novos sentidos para sua existência, como observamos no trecho a seguir:

Minha irmã me levou no forró com ela, numa casa de show que tem aqui no centro. Aí os rapazes começaram a me encarar, eu achava que eles tavam me olhando porque eu pus na cabeça que eu era feminina. Eles tavam me olhando porque? Eu tava parecendo o quê? Aí eu invoquei em deixar o cabelo crescer, usar um pouco de maquiagem. Quando que fiz quinze anos de idade, eu fiz o quê? Eu coloquei um salto, uma bota de uma tia minha com salto, eu tinha o pé pequeno ainda. Coloquei um vestido vermelho e saí pra rua. Adorei porque começaram a mexer comigo, fiz sucesso.

Na interação com o outro gênero, Sabrina dá significado à sua vivência e ao seu corpo a partir do feminino. Ao dizer que “eu pus na cabeça que eu era feminina”, ela nos informa sobre as construções de gênero que ultrapassam a anatomia e o sexo biológico. Para Merleau-Ponty (2006), reordenamos e reorganizamos o mundo e os sentidos atribuídos aos objetos a partir de nossas percepções e a partir de nossa intencionalidade enquanto sujeitos corporificados. O autor destaca ainda que nossa percepção do outro e de nós mesmos passa pela percepção do corpo, ou seja, certamente, não apenas pela visão do outro, ali, na situação da vivência, mas também do contato, na troca de afetos.

Além da construção de sua corporeidade, Sabrina passa a buscar objetos e acessórios que estão ligados ao feminino. Neste sentido, Merleau-Ponty (2004) também afirma que nossa relação com os objetos não é objetiva tanto quanto imaginamos, pois:

Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos. O homem está investido nas coisas, e as coisas nele (2004, p. 24).

Nossa cultura marcada pelas questões de gênero acabou por determinar a quem pertencem determinados comportamentos (de homem e de mulher); os espaços relativos (público e o privado); e a norma heterossexual direciona que as vivências afetivas e sexuais devem ocorrer dentro destes parâmetros. Muitas travestis, como Sabrina, por romperem a dicotomia sexo/gênero e as “corretas” maneiras de ser-no-mundo, se sentem desorientadas por não encontrarem modelos para orientar suas ações.

(...) O que acontece, eu comecei a gostar de uma menina. Quando eu tinha entre meus nove e dez anos. Achava ela linda. (...). O irmão dela me chega do exército, quando o irmão dela chegou do exército, nossa senhora! Dá pra rir essa história [risos]. E ele saiu do banheiro de sunga, moreno, bonitinho, forte, né, por causa dos exercícios, aí acabou, me descobri, me encantei por ele. Fiquei naquela paixão recolhida. Eu ia lá pra ver a menina como desculpa pra ver o menino. Entendeu? Minha cabeça virou aquela confusão!

O papel esperado de alguém anatomicamente masculino é que se torne atraído por outra pessoa do sexo feminino. A descoberta de Sabrina e o encanto pelo irmão da amiguinha causam espanto porque é uma vivência que não reafirmada socialmente, é algo do interdito. Mas haveria na sexualidade uma essência que a determinaria como heterossexual? E algo de essencialmente patológico naquelas práticas que fogem a este padrão?

Ao discutir a corporeidade como elemento fundamental de nossa existência no mundo, Merleau-Ponty (2006) reintegra a sexualidade na existência e, por isto mesmo, descreve-a enquanto um modo corporal de se relacionar com o mundo. Nesta perspectiva, não haveria uma essência que determinaria os modos de ser do homem enquanto hetero, homo, bissexual, travesti, transexual, dentre outras construções afetivo-sexuais que se apresentam na atualidade. A sexualidade é algo dramático porque nela engajamos nossa vida pessoal através de nossa corporeidade e neste sentido nós não sabemos jamais se as forças que nos dirigem são suas ou nossas – ou ainda, que elas não são jamais nem suas nem nossas inteiramente.

Para Merleau-Ponty (2006) existência se difunde na sexualidade, da mesma forma que a sexualidade se difunde na existência. Assim, é impossível assinalar, por uma decisão ou por um ato dado, a parte da motivação sexual e aquela das outras motivações, impossível caracterizar uma decisão ou um ato ‘sexual’ ou ‘não sexual’. Dentro desta perspectiva, Sabrina nos relata sua primeira experiência sexual:

(...) Aí eu tive a minha primeira experiência. Eu transei com um rapaz. Rapaz lindo. O rapaz parou e falou vem cá, não sei o que mais e eu fui. Não foi aquela coisa assim ... eu fui porque eu quis, eu fui por curiosidade. E acabou que eu fui estuprada. Porque o rapaz queria né, me [faz o gesto com as mãos]. Mas aí começou a doer e eu disse não, não, não quero. Mas ele me pegou e me [faz o gesto com as mãos novamente], né? Aí eu fiquei um tempo sem, mas com o tempo eu acabei gostando.

No relato de Sabrina observamos o que muitas vezes acontece com as jovens travestis em relação às práticas sexuais: a existência de situações de assédio e violência. Por serem vistas pela sociedade como pessoas abjetas, são colocadas ou levadas a situações nas quais são vítimas do preconceito e da agressividade e, como no caso de Sabrina, se tornam vulneráveis a atitudes de abuso sexual. O medo que permeia a vivência das travestis muitas vezes age como um sentimento imobilizador. O perigo as espera nas ruas e esquinas das cidades: inúmeros são os casos de pedras, garrafas com urina e outros objetos arremessados contra elas, inclusive ácido. Outras vezes o perigo se faz presente na cantada de um paquera, assim como salientou Sabrina sobre as agressões sofridas por ela. Neste caso, não podemos pensar o corpo como algo externo, como um invólucro de algo interior: quando o sujeito sofre uma agressão, não se danifica somente uma parte de seu corpo, mas todo seu corpo deve se reestruturar a partir desta nova situação.

As marcas e as lembranças acabaram se tornando signos que remetem a um episódio doloroso e triste na história de Sabrina. Para ela, a sexualidade passou a ser vista de forma negativa, como algo pouco prazeroso, transgressor e relacionado ao risco e ao perigo. Ainda que pesem estas questões, ela, ao ficar mais velha, constrói outro sentido para a sua sexualidade:

(...) Com dezesseis anos eu fiz o primeiro programa da minha vida. Parou um coroa na esquina da minha casa. Eu tava de shortinho, camiseta. Aí o coroa parou e disse que me dava cinquenta reais pra eu sair com ele. Cinquenta reais na minha época, há dez anos atrás, você comprava muita coisa. Ainda mais você começando aquela vida assim, você vai num brechó, você compra um esmalte, você tem aquela ilusão de pintar cabelo, faz a sobrancelha, compra uma chinela bacana. Uma roupa usada que fica boa. Você se monta e vai pra rua. Me iludi. Peguei e fui com o coroa. Doeu? Doeu, mas você pega aquele costume que o dinheiro vem fácil.

Este posicionamento de Sabrina remete à sua adolescência e à ilusão de conseguir dinheiro “fácil” e de modo rápido. Esta perspectiva sobre a prostituição não é estanque e/ou definitiva, pois “o homem não tem um mundo ambiente, ele tem um mundo. Em face deste mundo ele escolhe um ponto de vista” (Merleau-Ponty, 2006, p. 56). As percepções de Sabrina se entrecruzam e dialogam com suas vivências no mercado do sexo. Isto significa dizer, em termos merleau-pontyanos, é que Sabrina é um sujeito aberto ao mundo: “estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o posso, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2006, p. XI). Os sentidos atribuídos às suas vivências se transformam:

(...) Porque com a rua não tá fácil. Independentemente, eu tô voltando pra prostituição de novo. Não achei trabalho ainda pra mim. Vou colocar a minha prótese sim, porque eu sou travesti e eu quero ficar bonita. Eu quero mostrar meu glamour e tô aí!

No Brasil, ainda prevalece fortemente a relação entre a vivência travesti e a prática da prostituição. Na maioria das vezes, as travestis por não conseguirem formação profissional e vagas de trabalho formal têm no mercado do sexo uma atividade “desprestigiada”, em que se envolveriam somente por necessidade financeira e da qual sairiam assim que possível. Para Sabrina, os programas, no entanto, se tornaram uma oportunidade de conseguir dinheiro, de garantir conquistas materiais e simbólicas: de se “montar” e de estar em cima do salto.

Apesar de se tornarem vulneráveis a uma série de fatores negativos no universo da prostituição, as travestis têm a oportunidade de construir amizades, paquerar e ganhar dinheiro no que elas chamam de pista. “Fazer pista” ou “batalhar” constitui importante experiência na trajetória das travestis. Ali elas encontram o apoio que não tiveram em outros locais:

Eu tive sempre um sonho: de terminar de estudar, de me formar, de fazer minha faculdade de Direito, sempre gostei dessas coisas. O que aconteceu comigo; eu coloquei na minha cabeça que eu não ia ser um advogado, uma advogada travesti. Então eu pus na minha cabeça que ninguém ia aceitar isso. Entendeu, então foi aonde que eu fui desistindo de acabar meus estudos. Eu acabei não terminando o segundo grau. Muitas pessoas falavam que eu não seria alguém. Na escola, desde os meus dezessete anos, quando eu me transformei de uma vez, comecei a me hormonizar, a deixar o cabelo grande, as pessoas, os professores me discriminavam. Me olhavam torto, riam de mim. Aí você fica descrente com a escola, entendeu?

Para Merleau-Ponty (1975), o espaço, seja da escola ou da casa onde moramos, é a delimitação concreta dos limites do corpo e se estabelece pelo contexto sociocultural no qual a pessoa está inserida. Sob este aspecto, os modos de interação do corpo com o mundo bem como o modo como este será percebido, compreendido e significado estão, também, delimitados pela lógica deste espaço, adquirindo os traços culturais, hábitos, práticas que se tornam constituintes de nossa subjetividade e dão significados e sentidos ao nosso lugar no mundo e ao existir.

[...] o espaço é existencial; poderíamos dizer da mesma maneira que a existência é espacial, quer dizer, que por uma necessidade interior ela se abre a um ‘fora’, a tal ponto que se pode falar de um espaço mental e de um ‘mundo das significações e dos objetos de pensamento que nelas constituem’ (Merleau-Ponty, 1975, p. 394).

Na perspectiva de Merleau-Ponty (2004), a vivência do espaço se relaciona intimamente com as sensações e sentimentos que experimentamos em determinados locais. A abertura de possibilidades e a esperança de concretiza-las iluminam e ampliam as perspectivas futuras e reforça a sensação de familiaridade e de acolhimento. Isso é que atrai as travestis para pista, para as ruas, onde encontram pessoas semelhantes a elas e que contribuem para construção do ser-travesti. Muitas travestis jovens frequentam estes lugares não na perspectiva de encontrar clientes, mas buscando um espaço de referência; apenas um lugar de reconhecimento.

Mais adiante, Sabrina nos apresenta outra face do universo travesti:

(...) Porque têm aqueles que começam a se vestir de mulher, começa bem; aí a família que dava apoio, começa a pegar no pé; a pessoa surta, quer parar. Começa a tomar remédio, se suicida, corta cabelo, faz muita coisa ruim pra ela mesma. Não dá conta porque a travesti tá dentro dela. Não é se colocar uma roupa ali e sair na rua. Você é uma drag-queen se você não tiver a cabeça de uma travesti. Tá na cabeça.

No relato acima observamos a pressão que a sociedade exerce sobre o indivíduo em torno da condição *trans*. Ser-travesti na visão de Sabrina é para poucas porque demanda certa estrutura interna, uma “cabeça” ou mentalidade. A questão do preconceito também se mostra no trecho a seguir:

(...) A homossexualidade de algumas pessoas começa a por a gente homofóbico. Se você não tiver estrutura boa, você fica homofóbica com você mesma. Aí eu conheci a depressão de muitos. Porque eu conheço muitas travestis que se suicidaram, muitos amigos gays.

Estas narrativas são interessantes, pois demonstram como muitas pessoas no universo *trans* acabam por direcionar o preconceito contra si mesmas e também contra as outras que vivenciam a mesma condição. Na perspectiva fenomenológica-existencial,

habitamos o mundo com outros seres humanos que partilham conosco os significados dos objetos ao nosso redor. A linguagem desempenha um papel vital nessa consciência de mundo partilhado. Descobrimos os significados das coisas nos conceitos que socializamos com outros, que são incorporados, corporificados na língua que falamos. Assim, a condição travesti ao ser colocada de maneira negativa na sociedade e ser reiteradamente considerada uma situação de marginalidade, de delinquência e/ou de falta de vergonha têm nas próprias travestis e em outros sujeitos transgêneros reprodutores do preconceito. Este interfere na saúde mental das próprias travestis, afeta a autoestima e pode acentuar o sofrimento psíquico desencadeando o uso e abuso de álcool e outras drogas, transtornos psiquiátricos, comportamento suicida, etc.

Ao viver em sociedade e nos constituirmos a partir do ser-com-os-outros, a perspectiva do “ser eu mesmo” não é ter certo tipo de “vida interior”, totalmente separada das vidas interiores dos outros. O que eu sou é o que entendo que sou, tanto em termos de comportamento exterior quanto de pensamentos, sentimentos e desejos interiores. E o que entendo é que sou dependente dos conceitos de modos de ser-no-mundo que compartilho com os outros. Assim, ser o que se é – ter os sentimentos, atitudes e outras características que uma pessoa tem – significa integrar uma cultura em particular: ser, com os outros, de um jeito específico.

No relato a seguir, observamos com mais clareza esta divisão dentro do universo *trans* e a defesa da existência de uma “essência” travesti diferenciando sua condição das outras categorias de sujeitos:

Eu me empolguei; uma; você começa a dar peitinho e começa no seu psicológico aquele pensamento de que você vai ficar feminina, que vai ser mulher, entendeu? Mas você sabe que no fundo não é mulher que você quer ser. Eu amo essa minha vida de ser travesti. Independente das outras, que eu não sei a opinião delas, mas se fosse pra operar eu não tenho vontade. A minha vida de travesti é ser travesti, entendeu? Por mais que você opere, que você faça, como posso falar, que você faça uma vagina, você nunca vai deixar de ser homem, entendeu? Nunca vai deixar de ser uma travesti, uma trans.

Para Sabrina, o ser-travesti está na “cabeça” como uma essência que as separa das transexuais, das *drag-queens* e de outros sujeitos. As travestis reforçam a percepção da diferença e se alinham à ideia tradicional de que realmente existe uma identidade “homossexual” à parte e reafirmam a ideia oitocentista de que o mais importante predicado da “essência humana” pertence à ordem da sexualidade genital, ou melhor, à divisão dos indivíduos, conforme suas preferências homo ou heterossexuais e/ou papéis de gênero,

homem ou mulher (Jayme, 2010). Nossa colaboradora acredita na constituição de uma subjetividade travesti, diferenciando-se dos gays e das mulheres transexuais. Neste sentido, Teixeira (2013) reproduz a fala da presidente da Articulação Nacional das Travestis – ANTRAS, que soa bem representativa para essa questão: “não somos homens, não somos mulheres, somos travestis e queremos ser respeitadas como travestis que somos” (citado por Teixeira, 2013, p. 186).

Ao reproduzir o discurso médico-científico sobre sexualidades e identidades, as travestis naturalizam conceitos que operam na construção de estruturas de pensamentos previamente constituídos pelo sistema sexo/gênero/desejo em uma perspectiva falocêntrica e heteronormativa. É preciso lembrar que o homem é ser falante e que pela sua fala visa as coisas enquanto elas estão ausentes. Assim, uma palavra é “um de nossos possíveis de meu corpo próprio” e por ela a “existência dar-se-á como coexistência, como comunicação e diálogo” (Merleau-Ponty, 2004, p. 164). Nessa perspectiva podemos perceber relações intrínsecas entre a experiência vivida pelas travestis em suas trajetórias existenciais e os significados e valores que são atribuídos às figurações, aos discursos e aos desejos que se processam em decorrência da própria experiência de vida, demarcando preconceitos e exclusões, analisados através de estruturas binárias, consideradas inerentes aos indivíduos. A inserção das travestis e as travestilidades na perspectiva existencial possibilita o registro de novos modos possíveis de ser-no-mundo e de subjetivação, o que implica novas questões sociais, políticas e culturais que precisam ser problematizadas fora do registro binário e universal para compor-se com o múltiplo, o diverso, o diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é objetivo desta pesquisa esgotar todas as perspectivas sobre o fenômeno travesti. A utilização de uma história vida serve para mostrar as singularidades e particularidades de uma trajetória marcada pela incerteza, dor e medo de alguém que construiu sua sexualidade e gênero fora das expectativas sociais em torno do gênero e da sexualidade. Assim, o limite dessa pesquisa se apresenta no fato de que, baseando-se na fenomenologia, ela não representa senão uma perspectiva dentre várias. A história de Sabrina pode ser contada de diferentes formas desde que se assuma que não há uma descrição exclusiva da maneira como o fenômeno travesti se apresenta tal como ele mesmo.

O método baseado nas histórias de vida visa à construção de um documento que registra a experiência vivida ou a descrição das experiências de um indivíduo ou de vários indivíduos, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. A história de vida de Sabrina nos ajuda a compreender os significados que ela atribui a esse

processo de transformação. Uma travesti não se faz somente com roupas e adereços femininos, mas também com hormônios para arredondar o corpo, com silicone para dar forma e volume aos seios e quadris. A dor durante este processo dá sentido às suas vivências e marca sua história.

A rivalidade e as amizades marcam também a vivência travesti, pois, ali está o espelho onde se deve olhar e onde são encontrados os modelos para se identificar. Sabrina a partir de sua trajetória constrói seu *mundo próprio*, ou seja, o mundo enquanto a totalidade de sentido.

Na constituição e fluidez de seu mundo-vida, as travestis expressam singularidades possíveis em consequência de uma trajetória criadora e transformadora que faz das travestilidades ensaios de enfrentamento aos padrões normativos que insistem em se fixar em seus corpos, sensibilidades e pensamentos. A violência e a exclusão ainda são relatadas com frequência pelas travestis. E passam a constituir uma maneira de lidar com os outros e com elas mesmas. Ao verem seus corpos e seus desejos relegados ao segundo plano, acabam por adoecer e trilham caminhos “mais fáceis” para suportar a dor do ostracismo.

As travestis buscam mudar a direção de suas vidas modificando os significados sociais atribuídos ao seu grupo. Enquanto sujeitos de suas vidas, elas buscam romper com determinadas situações a partir de seus esforços. Criando novas relações e buscando diferentes espaços, o corpo travesti é um nó de significações viventes e aberto a novas compreensões e novos estilos. Essa nova corporeidade trás desafios para a Psicologia que é chamada a dialogar com novos sujeitos sociais, com movimentos progressistas e reacionários e questões inéditas inseridas atualmente nas políticas de saúde como o abuso de medicamentos, a patologização das transexualidades, o aumento dos transtornos e sintomas somáticos, dentre outros.

O processo de emergência das travestilidades nos faz pensar a condição *trans* situada entre a coragem de afirmação de um modo de ser-no-mundo frente às determinações do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, que, impõem modelos de verdades universais. Assim como cristalizações identitárias demarcadas por códigos de inteligibilidades que precisam ser revistos e desconstruídos.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, G., & Garcia, C. (2013). Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde em Debate*, 37(98): 47-63.
- Andrade, L. N. (2015). *Travestis na escola*. Assujeitamento e resistência à ordem normativa. São Paulo: Metanoia Editora.

- Azeredo, S. (2010). Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Estudos Feministas*, 18(1): 175-188.
- Benedetti, M. (2005). *Toda Feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bento, B. (2014). O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades *trans*. *Revista Florestan*, 1(2): 32-48.
- Bruns, M. A. (2007). A redução fenomenológica em Husssel e a possibilidade de superar os impasses da dicotomia subjetividade/objetividade. In Bruns, M. A., & Holanda, A. (Orgs.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. (pp. 65-76). São Paulo: Alínea.
- Bruns, M. A. (2011). Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivosexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63 (1): 1-10.
- Capalbo, C. (2011). Maurice Merleau-Ponty: a percepção e a corporeidade – o cuidar do corpo numa perspectiva de totalidade. In PEIXOTO, A., & HOLANDA, A. (Orgs.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar. Perspectivas multidisciplinares*. (pp. 33-42). Curitiba: Juruá.
- Duque, T. (2011). *Montagens e desmontagens. Desejo, estigma e vergonha entre travestis*. São Paulo: Annablume.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Giorgi, A. (2014). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In VÁRIOS AUTORES. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. (pp. 386-409). Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes.
- Heidegger, M. (2013). *Ser e tempo*. 8 ed.; Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Holanda, A. (2007). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. In BRUNS, M. A., & HOLANDA, A. (Orgs.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. (pp. 17-38). São Paulo: Alínea.
- Jayme, J. (2010). Travestis, transformistas, *drag-queens*, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero. In CASTRO, A. (Org.). (pp. 167-196). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Longaray, D.; Ribeiro, P. (2016). Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. *Estudos Feministas*, 24(3): 761-784.
- Merleau-Ponty, M. (1975). *A estrutura do comportamento*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. 3 ed., Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Moreira, D. (2004). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo. Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: FAPESP.
- Peres, W. (2015). *Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania*. Curitiba: Juruá.

- Ribeiro, I. M. (2015). A formação em psicologia e o olhar para a diversidade sexual: o Coletivo Transex. In MARTINS, H. V. (Org.). *Intersecções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades*. (pp.166-183). Florianópolis: ABRAPSO Editora.
- Santos, P. (2008). *Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis moradoras no Jardim Itatinga*. 215 p. (Dissertação de Mestrado). Unicamp, Campinas.
- Silva, H. (2007). *Travesti: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Teixeira, F. (2013). *Dispositivos de dor: saberes-poderes que conformam as transexualidades*. São Paulo: Annablume, 320 p.
- Uziel, A. P. (2011). Diversidade sexual, democracia e promoção de direitos. In CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA- CFP. *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos/ Conselho Federal de Psicologia*. (pp. 67-84). Brasília: CFP, 244 p.

Nota sobre os (as) autores (as):

Edmar Henrique Dairell Davi. Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida-USP/CNPq. Professor Adjunto I na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB. E-mail: edmardavi@yahoo.com.br

Maria Alves de Toledo Bruns. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Especialista em Sexualidade, Psicanalista. E-mail: toledobruns@uol.com.br

Recebido em: 01/05/2017.

Aprovado em: 22/08/2017.